

O uso do termo *διάνοια* em Mt 22,34-40 à luz de Js 22,5 (LXX)

*The use of the term *διάνοια* in Matt 22:34-40
in light of Josh 22:5 (LXX)*

Basilio da Silva

Resumo

O presente artigo aborda o problema da utilização do Livro de Josué pelos Evangelhos Sinóticos, a partir da evidência lexicográfica do uso do substantivo *διάνοια* (pensamento, mente), presente em Js 22,5 (LXX) e em Mt 22,34-40. Nestas perícopes, verifica-se uma dependência terminológica de dois textos do Antigo Testamento, conforme a versão da LXX, isto é, de Dt 6,5 e 11,13. A partir desta última, a formulação do amor a Deus, por parte do povo eleito, em Js 22,5 (LXX), possui uma enunciação mais breve, ou seja, com dois termos, em comparação com a de Dt 6,5 (LXX), que conta com três termos. Assim sendo, partindo da formulação mais breve, presente em Mt 22,34-40 – e não necessariamente do problema da antiguidade dos Evangelhos, que tem no Evangelho de Marcos o seu elemento fontal unido à fonte Q –, os paralelos sinóticos de Mc 12,28-31 e Lc 10,25-28 são estudados considerando, por sua vez, o substantivo *ισχύς* (força), cujo uso sinótico se fundamenta na formulação de Dt 6,5 (LXX). Com isto, verifica-se nos Evangelhos sinóticos uma confluência que garante a presença de Js 22,5 (LXX) nos Sinóticos.

Palavras-chave: Jesus. Josué. *διάνοια*. Mateus. Sinótico.

Abstract

The present article analyses the problem of the use of the Book of Joshua by the Synoptic Gospels, from the lexicographical evidence of the use of *διάνοια* (thought, mind) present in Josh 22:5 (LXX) and in Math 22:34-40. In these pericopes, there is a terminological dependence of two Old Testament texts, according to the LXX version: of Dt 6:5 and 11:13. The formulation of the love for God by the chosen people in Josh 22:5 (LXX) has a shorter enunciation, with two terms, compared to that of Dt 6:5 (LXX) which has three terms. Therefore, starting from the briefer formulation in Matt 22:34-40 – and not necessarily from the problem of the antiquity of the Gospels, which has in the Gospel of Mark its font with the Q – the Synoptic parallels of Mk 12:28-31 and Lk 10:25-28 are studied considering the noun *ἰσχύς* (strength), based on the formulation of Dt 6:5 (LXX). With this, in the Synoptic Gospels, a conflation is verified keeping the presence of Josh 22:5 (LXX) in them.

Keywords: Jesus. Joshua. *διάνοια*. Matthew. Synoptic.

Introdução

O Livro de Josué constitui um dos grandes desafios de leitura para o cristão hoje, pois tanto pelo seu personagem principal, quanto pelo seu conteúdo, há uma certa dificuldade em relacioná-lo com o conteúdo do Novo Testamento e, acima de tudo, com os Evangelhos, que são, de longe, os textos que chamam mais a atenção do leitor iniciante da Sagrada Escritura. Entretanto, surge uma pergunta muito simples e contundente: há algum indício do Livro de Josué nos Evangelhos sinóticos? Obviamente, tal dúvida se dissipa utilizando-se os instrumentos adequados para a leitura do Texto Sagrado, que hoje são abundantes.

Por conseguinte, uma aproximação lexicográfica dos textos bíblicos tende a produzir ricos frutos e, para tanto, basta recordar o famoso método da *gezerah shawah*, isto é, o “princípio de equivalência” entre textos bíblicos, o qual permite sua interpretação a partir de um ou mais termos em comum. Tal princípio tem a força de deixar a Sagrada Escritura “respirar e transpirar” o seu conteúdo para o enriquecimento de todos. Desta forma, entre os textos de Js

22,5 (LXX) e Mt 22,34-40 há um termo em comum, isto é, *διάνοια* (capacidade de compreender, pensamento, mente). Isto possibilita uma aproximação intertextual sólida e, ao mesmo tempo, cautelosa.

O texto do Livro de Josué analisado neste artigo é essencialmente o da versão do códex B da Septuaginta (LXX).¹ Quando necessário, se faz referência ao termo hebraico do Texto Massorético (TM) correspondente. Por outro lado, o estudo dos textos sinóticos não parte de uma cronologia redacional, que considera o Evangelho de Marcos como fonte sinótica, mas sim da extensão de Dt 6,5 (LXX) presente nos evangelhos. Com isto, Mt 22,34-40, que apresenta a formulação mais breve com três termos, é estudado antes dos outros textos sinóticos de formulação similar, contando com uma subdivisão interna dos versículos bíblicos, que visa facilitar a localização dos termos estudados.

1. Js 22,5 (LXX) e o uso do substantivo *διάνοια*

Josué, filho de Nun (Ex 33,11), é uma das figuras emblemáticas do Antigo Testamento. Chamava-se originalmente Oséias, conforme Nm 13,16, mas Moisés mudou-lhe o nome para Josué, isto é, *יְהוֹשֻׁעַ* (TM), *Ἰησοῦς* (LXX):² Deus salva. Dele, é dito ainda que servia Moisés desde a sua juventude (Nm 11,28) e não há informações sobre sua esposa ou mesmo seus filhos, que, provavelmente, não tivera. Após a morte de Moisés, Josué assume as características de um novo “servo do Senhor”, a quem Deus protegia fielmente (Js 1,1-5), chegando mesmo a obedecê-lo (Js 10,14), merecendo, portanto, ocupar um lugar entre os “primeiros profetas” na tradição hebraica.³

O Livro de Josué se reveste de um particular valor no Antigo Testamento por tratar da posse da Terra Prometida como uma herança dada por Deus (Js 18,3; 24,13).⁴ Subdividido em três partes, esse livro conta com uma introdução (Js 1,1-9), duas grandes seções (Js 1,10–12,24; 13,1–21,45) e uma conclusão (Js 22,1–24,33). Nesta terceira parte, o Livro de Josué se encerra com três discursos de despedida, a saber: de Josué às tribos da Transjordânia (Js 22,1-34); às autoridades (Js 23,1-16); e um discurso divino ao povo, por meio de

¹ DALLA VECCHIA, F., Giosuè, p. 23-24.

² AULD, A. G., Joshua, p. xvii-xxvii.

³ FOX, E., The Early Prophets, p. 51-57; DALLA VECCHIA, F., Giosuè, p. 9.

⁴ WRAY BEAL, L. M., The Past, p. 466-467.

Josué (Js 24,1-33). Enquanto discurso de abertura da terceira parte (Js 22,1-6), Josué recorda aos seus ouvintes (v. 5c.g-h) a necessidade da observância da Lei mosaica, resumida a partir dos verbos “amar” e “servir”: “Amar o Senhor vosso Deus (...) e servi-lo de todo vosso coração e de toda vossa alma”.⁵

De fato, toda a perícopé de Js 22,1-6 (LXX) é marcadamente deuteronômística,⁶ tendo no v. 5 um claro eco de Dt 6,5⁷ e, principalmente, de Dt 11,13b-d (LXX):

καὶ ἀγαπήσεις κύριον τὸν θεόν σου ἐξ ὅλης τῆς καρδίας σου καὶ ἐξ ὅλης τῆς ψυχῆς σου καὶ ἐξ ὅλης τῆς δυνάμεώς σου (Dt 6,5).

E amarás o Senhor teu Deus de todo o teu **coração** e de toda a tua alma e de toda a tua força.

[...] ^bἀγαπᾶν κύριον τὸν θεόν σου ^cκαὶ λατρεύειν αὐτῷ ἐξ ὅλης τῆς καρδίας σου ^dκαὶ ἐξ ὅλης τῆς ψυχῆς σου (Dt 11,13b-d).

[...] ^bAmar o Senhor teu Deus ^ce adorá-lo de todo o teu **coração** ^de de toda a tua alma.

^aἀλλὰ φυλάξασθε ποιεῖν σφόδρα τὰς ἐντολάς καὶ τὸν νόμον ^bὃν ἐνετείλατο ἡμῖν ποιεῖν Μωϋσῆς ὁ παῖς κυρίου ^cἀγαπᾶν κύριον τὸν θεόν ὑμῶν [...] ^eκαὶ λατρεύειν αὐτῷ ἐξ ὅλης τῆς **διανοίας** ὑμῶν ^hκαὶ ἐξ ὅλης τῆς ψυχῆς ὑμῶν (Js 22,5c.g-h).

^aMas guardai-vos de cumprir cuidadosamente os mandamentos e a Lei ^bque Moisés, o servo do Senhor, nos ordenou pôr em prática: ^camar o Senhor vosso Deus [...] ^ee adorá-lo de toda a vossa **mente** ^he de toda a vossa alma.

Todavia, o paralelo entre Dt 11,13b-d e Js 22,5c.g-h traz à luz algumas diferenças: inicialmente, o uso do pronome pessoal no singular (σου) e no plural (ὑμῶν), e ainda o acréscimo de Js 22,5d-f, isto é, πορεύεσθαι (seguir) (...) καὶ προσκεῖσθαι αὐτῷ (e estar ao seu lado), justificável diante dos ouvintes dos

⁵ SICRE DIAZ, J. L., Giosuè, p. 18-24.362-364; COLESTON, J., “Joshua”, p. 38-45; DALLA VECCHIA, F., Giosuè, p. 9-20; AULD, A. G., Joshua, p. 210-211; ANGEL, H., “There is no Chronological Order”, p. 7.

⁶ Dt 4,1.5; 6,1.5.24; 8,1; 11,13.22.32; 12,1; 19,9; 26,16.17; 28,1.15; 30,6.16.20; DALLA VECCHIA, F., Giosuè, p. 164-165; ASSIS, L., The Position and Function of Jos 22 in the Book of Joshua, p. 529-531; WRAY BEAL, L. M., The Past as Threat and Hope, p. 462.

⁷ BASCOM, R. A., “Adaptable for Translation...and Beyond”, p. 168-176.

respectivos discursos; em seguida, a substituição do termo καρδιάς em Dt 6,5; 11,13b-d por διανοίας em Js 22,5g; por fim, a omissão da terceira parte da oração, isto é, και ἐξ ὅλης τῆς δυνάμεώς σου (e de toda a tua força) de Dt 6,5, tanto em Dt 11,13d quanto em Js 22,5h.

Chama principalmente a atenção, a substituição de καρδιάς (do coração) por διανοίας (da mente), este último termo presente no discurso de Josué. Por outro lado, o aparato crítico de Ralphs-Hanhart apresenta o termo καρδιάς no códex Alexandrino, enquanto leitura alternativa de Js 22,5, o que é provavelmente uma harmonização com o texto de Dt 11,13c (LXX).⁸

Vale a pena ressaltar que o substantivo διάνοια,⁹ derivado de νοῦς (pensamento), na literatura grega, exprime fundamentalmente o conceito de uma capacidade de pensar e de conhecer, a inteligência, ou mesmo, a consciência que reflete sobre algo, enfim, a mente. Entretanto, além de καρδιά (coração), a LXX utiliza também διάνοια em correspondência com o substantivo לב (coração) do TM (Dt 4,39; 29,17; Js 5,1; 22,5), o que indica um esforço de helenização da noção hebraica de “coração”, enquanto metáfora que exprime a capacidade intelectual do ser humano. Assim sendo, a frase ἐξ ὅλης τῆς διανοίας ὑμῶν, em Js 22,5, pode ser traduzida em português como “de todo o vosso coração”, tal como em Dt 11,13c.

Deste modo, à luz de Dt 6,5 e 11,13, Josué, em seu discurso, retoma a exortação mosaica de fidelidade ao Senhor que, ao conceder a Terra Prometida ao seu povo, conta com a necessária resposta de fidelidade deste ao pacto estabelecido na Aliança sinaítica. Em Js 22,5, portanto, destaca-se a necessária obediência a Deus e – acenando à realidade futura das tribos, cuja unidade e prosperidade dependem da sua fidelidade ao Deus da Aliança – são estabelecidas seis ações a serem seguidas na nova etapa da posse da terra, partindo da realidade comunitária à individual, e culminando em servir a Deus na totalidade do próprio ser.¹⁰

⁸ AULD, A. G., Joshua, p. 210-211.

⁹ BEHM, J., νοῦς, κτλ., p. 961-963.

¹⁰ COLESTON, J., Joshua, p. 66-69; PETTIT, D., Identity and Territory in Joshua 22, p. 26; WRAY BEAL, L. M., The Past, p. 483.

2. O uso do substantivo *διάνοια* nos Sinóticos

No âmbito do Novo Testamento, os Sinóticos testemunham vigorosamente o ecoar de Dt 6,5; 11,13, desta vez proferidos por Jesus Cristo. Estes versículos deuteronômicos são apresentados em três formulações que não são perfeitamente correspondentes. Partindo da formulação mais breve, Mt 22,34-40 a apresenta constituída por três substantivos femininos: καρδιά (coração), ψυχή (alma), *διάνοια* (pensamento, mente). Em Mc 12,28-31 e Lc 10,25-28 encontram-se formulações semelhantes com quatro termos, que se caracterizam por uma disposição invertida dos dois termos finais: καρδιά, ψυχή, *διάνοια* - ισχύς (força).¹¹ Deste modo, o uso da *διάνοια*, presente em Js 22,5 (LXX), lança uma luz sobre o sentido de tais formulações sinóticas.

2.1. Mateus 22,34-40

Após o ingresso em Jerusalém, Jesus inicia a última etapa da sua vida pública, encontrando na Cidade Santa a oposição política e religiosa que culminará com a sua morte na Cruz, ao confrontar-se com os chefes dos sacerdotes, anciãos e saduceus (Mt 21,1–22,33). Em Mt 22,34, realiza-se a mudança do cenário narrativo pela introdução de um novo personagem coletivo, que tem uma função antagonista: os fariseus. A narração prossegue apresentando Jesus ao ser interrogado por um membro do grupo dos fariseus sobre qual é o maior mandamento da Lei (Mt 22,35-36), uma questão relativamente comum entre as escolas rabínicas daquele tempo. Jesus elabora uma síntese dos mandamentos (Mt 22,37-40), conjugando os textos de Dt 6,5 e Lv 19,18, abrindo a vivência dos mandamentos aos seus dois campos fundamentais de atuação: o amor a Deus e ao próximo. Com esta síntese, Jesus exprime, com maestria, o sentido de toda a Lei e dos Profetas.¹²

A teoria das fontes sinóticas não fornece uma resposta suficiente para a compreensão da síntese realizada por Jesus sobre o amor a Deus (Mt 22,37), uma vez que Mateus diverge de sua possível fonte, isto é, Marcos, ao utilizar

¹¹ FOSTER, P., Why Did Matthew Get the Shema Wrong? p. 312-313.

¹² LUZ, U., Matthew 21-28, p. 75-77; DAVIES, M., Matthew, p. 177-178; TURNER, D. L., Matthew, p. 536; WILLIS, W., Three Perspectives on the Great Commandment, p. 175-176.

uma formulação com apenas três termos.¹³ Neste aspecto, o aparato crítico de NA²⁸ apresenta uma leitura alternativa para o termo *διανοία* (pensamento, mente) como *ισχύϊ* (força), presente apenas em uma versão latina c e duas siríacas (sy^{s,c}). Enquanto tentativa de harmonização com o texto de Lc 10,27, o aparato crítico destaca ainda a inserção do termo *ισχύϊ* (força) associado a *διανοία* (pensamento, mente) presente no códex Θ e poucos manuscritos (0170 f¹³ 33 sy^p bo^{mss}), sem representar uma significativa alteração textual, permitindo ao texto crítico seguir o número exaustivo das leituras, de diversas famílias textuais que apresentam o termo *διανοία*.

A comparação entre Mt 22,37 e suas fontes veterotestamentárias possibilita uma nova compreensão da ocorrência deste termo em Mateus:

καὶ ἀγαπήσεις κύριον τὸν θεόν σου ἐξ ὅλης τῆς καρδίας σου καὶ ἐξ ὅλης τῆς ψυχῆς σου καὶ ἐξ ὅλης τῆς δυνάμεώς σου (Dt 6,5).
E amarás o Senhor teu Deus de todo o teu **coração** e de toda a tua alma e de toda a tua força.

ἠγαπᾶν κύριον τὸν θεὸν ὑμῶν [...] ἑκαὶ λατρεύειν αὐτῷ ἐξ ὅλης τῆς **διανοίας** ὑμῶν ἠκαὶ ἐξ ὅλης τῆς ψυχῆς ὑμῶν (Js 22,5c.g-h)
amar o Senhor vosso Deus [...] ἑe adorá-lo de toda a vossa **mente** ἠe de toda a vossa alma.

ἠγαπήσεις κύριον τὸν θεόν σου ἐν ὅλῃ τῇ καρδίᾳ σου ἠκαὶ ἐν ὅλῃ τῇ ψυχῇ σου ἠκαὶ ἐν ὅλῃ τῇ **διανοίᾳ** σου (Mt 22,37)
amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração ἠe com toda a tua alma ἠe com toda a tua **mente**.

De fato, podemos dizer que a fonte principal de Mt 22,37 é Dt 6,5 (LXX), cuja formulação era muito bem conhecida pelo judeu piedoso.¹⁴ Entretanto, algumas diferenças devem ser consideradas com atenção: inicialmente, o uso da preposição ἐν em Mt 22,37, que coloca a prática do amor a Deus em uma posição evidentemente mais íntima do ser humano do que em Dt 6,5 (LXX),

¹³ LUZ, U., Matthew 21-28, p. 76; PARK, E. E. C., A Soteriological Reading of the Great Commandment Pericope in Matthew 22:34-40, p. 62.

¹⁴ FRANCE, R. T., The Gospel of Matthew, p. 845-846.

que utiliza a preposição ἐξ (ἐκ),¹⁵ transmitindo a concepção do coração, da alma e da potência humana como “pontos de partida” da vivência cotidiana do amor a Deus. Em seguida, o uso do substantivo διάνοια (pensamento, mente) em Mt 22,37 (ausente em Dt 6,5) indica uma confluência com Js 22,5 (LXX), uma vez que διάνοια ocupa o lugar do terceiro termo presente em Dt 6,5 (LXX), isto é, δύναμις (força), sem ser-lhe um sinônimo.¹⁶

Tal substituição manifesta o uso sinótico do substantivo διάνοια (pensamento, mente), não mais com um sentido correspondente a καρδιά (coração), de conotação semítica, conforme a Septuaginta,¹⁷ mas resgata o sentido grego do termo, que significa fundamentalmente “capacidade de compreender”, “pensamento”, “mente”.

A reformulação mateana de Dt 6,5 (LXX) mantém como elemento fontal de ἀγαπήσεις (amarás).¹⁸ Em Mt 3,17, o adjetivo verbal ἀγαπητός (amado), utilizado na perícope do batismo de Jesus (Mt 3,13-17), dá início ao uso do campo semântico do ἀγάπη (amor) neste Evangelho, ao exprimir a máxima expressão do amor de Deus pelo seu Filho (Is 42,1; Mt 12,18; 17,5).

A manifestação do amor divino, no episódio do batismo de Jesus, permite àqueles que são batizados fazerem a mesma experiência agápica que os possibilita continuar seu trajeto com Jesus em direção à Jerusalém. A concentração deste campo semântico, na seção do Sermão da Montanha (Mt 5,1–7,29), dá ao ἀγάπη (amor) um valor moral incomparável, bastante diverso da experiência extra-bíblica.¹⁹ Uma vez que os fiéis são portadores do amor de Deus, estes são chamados a exercitá-lo, amando os seus inimigos como condição *sine qua non* para tornar-se “filhos do Pai nos Céus” (Mt 5,43-45). Como consequência, o agir dos fiéis, à luz do amor recebido no batismo em Cristo, assume as características do mesmo agir divino, com uma expressão bidimensional, isto é, abrindo-se à verticalidade do amor entre Deus e os seus filhos, bem como à horizontalidade das relações entre os filhos de Deus e o seu próximo (Mt 19,19).

¹⁵ FOSTER, P., Why Did Matthew Get the Shema Wrong? p. 315-319.

¹⁶ BASCOM, R. A., “Adaptable for Translation...and Beyond”, p. 176.

¹⁷ FOSTER, P., Why Did Matthew Get the Shema Wrong? p. 320.

¹⁸ LUZ, U., Matthew 21-28, p. 82-83; TURNER, D. L., Matthew, p. 537; ROBSON, J. E., Forgotten Dimensions of Holiness, p. 123.

¹⁹ QUELL, G.; STAUFFER, E., ἀγάπω, ἀγάπη, ἀγαπετός, p. 34-38.

Esta expressão bidimensional do amor dos filhos de Deus se faz presente em Mt 22,34-40, como estrutura que permite ao hagiógrafo apresentar a síntese cristológica das duas realizações do ato de amar: “Amarás o Senhor teu Deus” e “amarás o teu próximo como a ti mesmo”. Todavia, enquanto realizações do único amor em seu aspecto dinâmico, estas necessitam da determinação do seu *modus operandi*, explicitado na formulação triádica de caráter semítico-helenística, com três substantivos femininos: ἐν ὅλῃ τῇ καρδίᾳ σου καὶ ἐν ὅλῃ τῇ ψυχῇ σου καὶ ἐν ὅλῃ τῇ διανοίᾳ σου (com todo o teu coração e com toda a tua alma e com todo o teu pensamento).

Portanto, a primeira modalidade do ato de amar a Deus se dá “com todo o coração” (ἐν ὅλῃ τῇ καρδίᾳ σου). A preposição ἐν reflete o uso semítico da preposição אַ de Dt 6,5 (TM), diversamente da LXX, que utiliza ἐξ (ἐκ), de expressão mais helenística. A preposição ἐν permite, portanto, a compreensão sintática da frase como a aplicação do ato de amar a Deus (ἀγαπήσεις κύριον τὸν θεόν σου [amarás o Senhor teu Deus]) em três modos, por meio de uma expressão anafórica,²⁰ originada do uso da locução ἐν ὅλῃ (com todo). Por sua vez, o adjetivo ὅλη (todo) designa a totalidade de um elemento envolvido no ato antropológico de amar, excluindo quaisquer possibilidades de uma não integração parcial do elemento envolvido na ação. Esta totalidade intrínseca permite ainda que as partes componentes das frases preposicionais não sejam apenas um conjunto de partes bem articuladas *entre si*, mas *em si mesmas* acima de tudo, o que possibilita a máxima integridade ou a indivisibilidade de cada parte.

O substantivo feminino comum às três frases preposicionais é καρδία (coração). Na Septuaginta, este termo corresponde ao sentido figurado semítico de centro da realidade mais íntima do ser humano, do “lugar” onde se dá a sua dinâmica afetivo-espiritual, ou seja, a interação entre sensibilidade, sentimentos, desejos e pensamentos. O termo καρδία (coração) ocorre também relacionado com o verbo “pensar” (διανοέομαι), como âmbito dos pensamentos maus, cultivados com cuidado pelo ser humano diariamente (Gn 6,5). Para demonstrar a sua onipotência, Deus endureceu o coração do faraó (Ex 4,21; 10,1); Deus prova o coração humano para conhecê-lo (Dt 8,2). Em resposta à ação de Deus, o homem deseja louvá-lo com todo o seu coração (Sl 9,2) e nele confiar firmemente, acolhendo a sua Palavra (Pr 3,5; 4,4). A oração brota do

²⁰ LAUSBERG, H., *Elemente der literarischen Rhetorik*, §§ 265-266.

coração para obter a Sabedoria (Sb 8,21), e mesmo o pai deve ser honrado de todo o coração (Eclo 7,27).

Em Mateus, Jesus proclama que os puros de coração obterão a visão de Deus (5,8), mas também que o coração é o “lugar” onde se comete o adultério (5,28). De fato, Jesus conhece os corações, vendo neles a sua verdadeira motivação (9,4), e faz referência ao seu próprio coração como expressão de mansidão e humildade (11,29). Porém, o coração humano é capaz de resistir a Deus, tornando-se uma realidade má (12,34; 13,15.19; 15,8.18-19; 19,8). Assim, o “coração” em Mateus, conservando a concepção veterotestamentária de καρδιά, exprime metaforicamente a dinâmica interna do ser humano em seu aspecto espiritual, intelectual e afetivo, enquanto sede de todas as suas ações. Portanto, em Mateus, o coração assume um papel central na realização do Reino dos Céus (Mt 4,17).

O substantivo feminino ψυχή (alma), que, na LXX, exprime a noção de “princípio vital e imaterial do ser humano” ou ainda “alma”, correspondendo, portanto, ao termo שָׁרֵיט (“hálito vital”) do TM. Assim, no princípio, Deus criou os seres vivos para que enchessem a terra (Gn 1,24), bem como o ser humano (Gn 2,7). Por isso, o ser humano deve buscar a Deus com toda a sua alma, amando-o inteiramente (Dt 4,29; 6,5), sendo objeto da salvação que vem de Deus (Sl 6,5). A ψυχή (alma) do homem é capaz de sofrer e estar abatida (Sl 12,3), ou ainda, descer à mansão dos mortos (Sl 15,10; 21,30; 25,9), como elemento constitutivo do ser humano, que perdura para além da morte física.

Em Mateus, a ψυχή (alma) é apresentada por Jesus como uma realidade que “vale mais do que o alimento”, em paralelo ao corpo, que “vale mais do que a sua roupa” (Mt 6,25). Ainda formando um binômio com o corpo, a alma pode ser lançada na Geena por Deus (Mt 10,28), o que abre espaço para o anúncio cristão sobre o sentido da vida: quem tem a sua ψυχή (alma) para si, a perderá, e quem a perde, por causa de Cristo, a encontrará (Mt 10,39; 16,25-26). Tal atitude de ressonância para a existência *post mortem* tem no Filho do Homem o seu modelo singular, pois ele veio também para dar a sua ψυχή (alma) em resgate de muitos (Mt 20,28). Com isto, o substantivo ψυχή (alma), seguindo a sua concepção veterotestamentária, pode ser compreendido como “princípio vital e imaterial do ser humano”, que permanece após a morte, ou “alma”, sendo assim, uma realidade complementar a καρδιά (coração) em Mt 22,37.

Nesta passagem, o último substantivo feminino das três frases preposicionais é *διάνοια* (pensamento, mente). Este termo ocorre apenas uma vez no Evangelho de Mateus, e o seu uso em Mt 22,37d aponta para o sentido helenístico do mesmo, sendo mais de acordo com os destinatários do Primeiro Evangelho, a partir da ocorrência do substantivo *διάνοια* (pensamento, mente), atestada em Js 22,5 (LXX). Na LXX, o substantivo *διάνοια* possui o significado grego-helenístico de “mente” ou “pensamento”, especialmente nos escritos mais tardios (1Cr 29,18; 1Mc 10,74; 2Mc 5,17; Sb 4,14; Br 1,22; 4,28), e ainda em ocorrências associadas ao substantivo *καρδία* (coração) em 1Cr 29,18; Br 1,22; Od 9,51. Assim sendo, em Mt 22,37d, o termo *διάνοια* (pensamento, mente) recupera o seu significado na língua grega, evitando um acúmulo desnecessário de termos correspondentes, decorrente do uso de *καρδία* (coração) em Dt 6,5; 11,13 (LXX) e *διάνοια* (pensamento, mente) em Js 22,5 (LXX) no mesmo versículo.

Considere-se ainda que, como material próprio de Mateus, tal substituição revela um esforço de incluir a realidade do pensamento humano na dinâmica do amor a Deus, na qual a *δύναμις* (força), presente na formulação de Dt 6,5 (LXX), se mostra insuficiente neste âmbito da Boa Nova. Dessa forma, o texto de Mt 22,37d, graças à contribuição lexical de Js 22,5 (LXX), coloca nos lábios de Jesus (Ἰησοῦς) um novo Shemá, a partir da experiência do amor a Deus que se desenvolve no âmbito interno de cada ser humano que aderiu ao Evangelho do Reino (Mt 24,14), abrangendo o seu afeto, sua vitalidade e seu pensamento, assim como, na Septuaginta, o formulara seu homônimo Josué (Ἰησοῦς).

2.2. Marcos 12,28-31 e Lucas 10,25-28

O termo *διάνοια* (pensamento, mente) se faz presente também em Mc 12,28-31 e em Lc 10,25-28²¹, em contextos literários obviamente diversos entre si. Em Mc 12,28-31, a resposta de Jesus sobre o amor a Deus e ao próximo está em paralelo com o contexto de Mt 22,34-40, situando-se após a discussão com os saduceus, sobre a ressurreição dos mortos (Mc 12,18-27), e precedendo a afirmação da filiação davídica do Messias, o Cristo (Mc 12,35-37).

²¹ BASCOM, R. A., “Adaptable for Translation...and Beyond”, p. 177-178; WESSEL, W. W.; STRAUSS, M., Mark, p. 1272; CULPEPPER, R. A., Mark, p. 419-421; WILLIS, W., Three Perspectives on the Great Commandment, p. 174.

Literariamente, a perícopes de Lc 10,25-28 está situada entre a exultação de Jesus pela revelação do Reino aos pequenos (Lc 10,21-24) e a parábola do samaritano (Lc 10,29-37). Tais diferenças se devem ao objetivo teológico de cada evangelista que, ao organizar o conteúdo oral e/ou literário que lhe era disponível, o manifesta na composição de cada seção literária de sua obra.

Ao analisar o texto de Marcos como fonte literária tanto de Mateus quanto de Lucas, chama a atenção do leitor atento o fato de que somente Lucas segue a fórmula quaternária de Marcos, com uma inversão dos termos finais, isto é, *διάνοια* - *ἰσχύς* (pensamento - força), como visto anteriormente. A evidência textual mostra que o substantivo *διάνοια* permanece em todas as formulações sinóticas da resposta de Jesus, conservando o significado de “mente” ou “pensamento”. Conforme apontado, a presença do termo *διάνοια* nas formulações mais longas de Marcos e Lucas não deriva de Dt 6,5 (LXX), restando apenas a ocorrência deste termo em Js 22,5 (LXX), enquanto alusão ao mesmo texto de Deuteronômio.²²

Todavia, é necessário se perguntar sobre o significado e o uso do substantivo *ἰσχύς* nestas formulações. Este termo exprime a noção de “força” em sua acepção física, concreta, sendo equivalente ao termo *δύναμις*, presente em Dt 6,5 (LXX).²³ Logo, a formulação do primeiro mandamento realizada por Jesus (*Ἰησοῦς*) em Mc 12,30 e em Lc 10,27 conserva os elementos de Dt 6,5 (LXX), sem descartar o termo *διάνοια* da formulação breve feita por Josué (*Ἰησοῦς*), em Js 22,5 (LXX). Com isso, o ato de amar a Deus possui ressonâncias mais abrangentes para o fiel nas perícopes de Marcos e Lucas, englobando também a capacidade operativa ou a força física do ser humano, enquanto sujeito do ato de amar.²⁴

Conclusão

O uso do termo *διάνοια* (pensamento, mente) em Mt 22,37 é uma autêntica contribuição de Js 22,5 (LXX), sendo igualmente um conceito irrenunciável para os Sinóticos. Incluir a capacidade humana de compreensão na dinâmica do ato de amar a Deus mostrou-se um ato necessário, seja devido ao contexto greco-

²² STEIN, R. H., Mark, p. 561-562.

²³ FOSTER, P., Why Did Matthew Get the Shema Wrong? p. 320-321.

²⁴ BASCOM, R. A., “Adaptable for Translation...and Beyond”, p. 179-181.

romano do surgimento dos Evangelhos Sinóticos que valorizava muito esta capacidade, seja devido ao desenvolvimento de uma antropologia bíblico-cristã progressivamente mais abrangente e, portanto, mais real.

Enquanto *hapax legomenon* no Primeiro Evangelho, o uso do termo διάνοια revela o esforço redacional em conservá-lo, mesmo tendo diante de si outras possibilidades lexicais que exprimissem, *mutatis mutandis*, o mesmo conceito de διάνοια (pensamento, mente) nos Sinóticos, como, por exemplo, ἐνθύμησις (Mt 9,4; 12,25) ou φρόνησις (Lc 1,17). Tal esforço revela igualmente a valorização e conservação textual da formulação terminológica presente em Js 22,5 (LXX). Mas, por quê? Não se pode ignorar o fato de que para os primeiros cristãos havia a certeza de que o Cristo cumpriu as Escrituras (Mt 3,15; Lc 4,16-22) e que a sua Ressurreição é o ponto de partida para uma nova compreensão das mesmas (Mc 12,35-37; Lc 24,13-35).

Sob este prisma, também o Livro de Josué teve algo a dizer aos primeiros cristãos, bem como ainda aos de hoje. Não somente a nível onomástico – por serem figuras homônimas na koiné utilizada pelos cristãos, isto é, Josué (Ἰησοῦς) e Jesus (Ἰησοῦς) – mas enquanto ambos são continuadores da obra de Moisés. Ambos recordam aos seus contemporâneos o conteúdo de Dt 6,5 e, principalmente, se considerada a renovação da Aliança mosaica por intermédio de Josué (Js 24,14-28) e a instauração da Nova e Eterna Aliança por Jesus (Mt 26,26-29; Mc 14,22-25; Lc 22,19-20): após estes eventos, Josué e Jesus morrem. De fato, a Ressurreição de Jesus fundamenta esta nova compreensão da vida e da obra de Josué.

Referências bibliográficas

ANGEL, H. “There is no Chronological Order in the Torah”. An Axiom for Understanding the Book of Joshua. **Jewish Bible Quarterly**, v. 36, n. 1, p. 3-11, jan./mar. 2008.

ASSIS, L. The Position and Function of Jos 22 in the Book of Joshua. **Zeitschrift für die alttestamentliche Wissenschaft**, v. 116, n. 4, p. 528-541, 2004.

AULD, A. G. **Joshua**. Jesus Son of Nauē in Codex Vaticanus. Leiden, Boston: Brill, 2005.

BASCOM, R. A. “Adaptable for Translation...and Beyond”. In: WEIS, R. D.; CARR, D. M. **A Gift of God in Due Season**. Essays on Scripture and Community in Honor of James A. Sanders. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1996. p. 166-183.

BEHM, J. νοῦς, κτλ. In: KITTEL, G.; FRIEDRICH, G. (Orgs.). **Theologisches Wörterbuch zum Neuen Testament**. Stuttgart: W. Kohlhammer, 1942. p. 961-963. v.IV.

COLESTON, J. Joshua. In: COMFORT, PH. W. **Cornerstone Biblical Commentary**. Carol Stream: Tyndale, 2012. p. 35-449.

CULPEPPER, R. A. **Mark**. Macon: Smyth and Helwys Publishing, 2007.

DALLA VECCHIA, F. **Giosuè**. Introduzione, traduzione e commento. Cinisello Balsamo: San Paolo, 2010.

DAVIES, M. **Matthew**. Sheffield: Sheffield Phoenix Press, 2009.

FOSTER, P. Why Did Matthew Get the Shema Wrong? A Study of Matthew 22:37. **Journal of Biblical Literature**, v. 122, n. 2, p. 309-333, 2003.

FOX, E. **The Early Prophets**. Joshua, Judges, Samuel, and Kings. New York: Schocken Books, 2014.

FRANCE, R. T. **The Gospel of Matthew**. Grand Rapids/Cambridge: William B. Eerdmans, 2007.

LAUSBERG, H. **Elemente der literarischen Rhetorik**. Eine Einführung für Studierende der klassischen, romanischen, englischen und deutschen Philologie. Ismaning: Hueber, 1990.

LUZ, U. **Matthew 21-28**. Minneapolis: Fortress Press, 2005.

PARK, E. E. C. A Soteriological Reading of the Great Commandment Pericope in Matthew 22:34-40. **Biblical Research**, v. 54, p. 61-78, 2009.

PETTIT, D. Identity and Territory in Joshua 22. **Journal of Theta Alpha Kappa**, v. 23, n. 2, p. 16-30, 2015.



ISSN 2596-2922

DOI: 10.46859/PUCRio.Acad.ReBiblica.2596-2922.2022v3n5p130

QUELL, G.; STAUFFER, E. ἀγάπω, ἀγάπη, ἀγαπετός. In: KITTEL, G.; FRIEDRICH, G. (Orgs.). **Theologisches Wörterbuch zum Neuen Testament**. Stuttgart: W. Kohlhammer, 1933. p. 20-55. v. I.

ROBSON, J. E. Forgotten Dimensions of Holiness. **Horizons in Biblical Theology**, v. 33, p. 121-146, 2011.

SICRE DIAZ, J. L. **Giosuè**. Roma: Borla, 2004.

STEIN, R. H. **Mark**. Grand Rapids: Baker Academic, 2008.

TURNER, D. L. **Matthew**. Grand Rapids: Baker Academic, 2008.

WESSEL, W. W.; STRAUSS, M. **Mark**. Grand Rapids: Zondervan, 2010.

WILLIS, W. Three Perspectives on the Great Commandment. **Restoration Quarterly**, v. 57, n. 3, p. 173-178, 2015.

WRAY BEAL, L. M. The Past as Threat and Hope. Reading Joshua with Numbers. **Bulletin for Biblical Research**, v. 27, n. 4, p. 461-483, 2017.

Basilio da Silva

Doutor em Teologia Bíblica pela Pontifícia Università Gregoriana
Docente de Teologia Bíblica na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e na Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro / RJ – Brasil
E-mail: d.basilio@corporativo.msbrj.org.br

Recebido em: 10/02/2022
Aprovado em: 02/05/2022